

REINALDO DIAS

Introdução à Sociologia



PEARSON
Prentice
Hall



Site com material de
apoio para professores
e estudantes

A perspectiva sociológica

APRESENTAÇÃO

Neste capítulo veremos o objeto de estudo da sociologia e como deve ser a forma de pensar dos sociólogos na abordagem dos problemas sociais, sejam quais forem as suas dimensões. Veremos também como as estruturas sociais condicionam e determinam as ações individuais e como a ação recíproca entre diferentes indivíduos constitui-se numa base de análise social.

TÓPICOS PRINCIPAIS

- 1.1.** O que é sociologia
- 1.2.** A imaginação sociológica
- 1.3.** A visão sistêmica
- 1.4.** De problemas pessoais a estruturas sociais (a explicação sociológica do suicídio)
- 1.5.** Os fundamentos da ação social

OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

Compreender:

- o papel da sociologia e o seu significado.
- o campo específico da sociologia.
- o mecanismo do pensamento sociológico.
- que os fenômenos sociais estão inter-relacionados.
- o que são fatos sociais e a sua força coercitiva.
- como ocorrem as ações sociais e os seus diferentes tipos.

A sociologia é uma disciplina relativamente nova, que surgiu com o objetivo de sistematizar o estudo dos fenômenos sociais, identificando suas causas e apontando formas de solucioná-los quando se constituíssem em problemas para a sociedade. Desse modo, foi sendo construído, ao longo dos anos, um modo de pensar que estabelece naturalmente a ligação entre os diferentes indivíduos que formam as sociedades humanas, visualizando assim as estruturas sociais em que vivem. Os sociólogos, ou aqueles que utilizam a forma de pensar destes, buscam compreender as diferentes interações entre as pessoas, para que possam estabelecer relações de causa e efeito dos diferentes fenômenos sociais e, assim, indicar para as organizações públicas e privadas maneiras de atender às necessidades dos indivíduos, buscar os seus direitos, estabelecer os seus deveres ou o que quer que seja para que a humanidade como um todo avance em busca de melhor qualidade de vida.

1.1. O QUE É SOCIOLOGIA

Podemos estabelecer, com bastante tranquilidade, o surgimento da sociologia no século XIX, como decorrência da necessidade dos homens de compreender os inúmeros problemas sociais que estavam aparecendo, em proporções nunca vistas devido à industrialização iniciada no século XVIII. Partindo de uma realidade rural, em que as funções e relações sociais apresentavam pouca complexidade, as sociedades européias (primeiramente a inglesa) deparam-se, no século XIX, com estruturas sociais mais complexas, que se desenvolveram em torno da nova realidade industrial. Como veremos adiante, os problemas advindos dessa súbita mudança avolumaram-se, constituindo-se em assunto abordado nos meios intelectuais, os quais passaram a formular várias hipóteses para explicar a situação.

No entanto, as disciplinas existentes apresentavam instrumental insuficiente para explicar os novos fenômenos sociais. Surge daí a necessidade de uma nova ciência, para, utilizando-se do instrumental das ciências naturais e exatas, tentar explicar a realidade. Constitui-se assim a sociologia, em seu início, com o objetivo específico de estudar sistematicamente o comportamento social dos grupos e as interações humanas, bem como os fatos sociais que geram e sua inter-relação.

A sociologia consolidou-se ao longo do tempo como um dos ramos das ciências humanas, pois surgiram inúmeras ciências para estudar cada dimensão do social, aprofundando o conhecimento específico de determinadas relações sociais. No entanto, a sociologia permanece como a única que tem como tema central de estudo as interações sociais propriamente ditas.

Outras disciplinas podem estudar aspectos sociais da vida do homem; entretanto, nenhuma apresenta como tema particular e específico o fato social no seu todo. Para o sociólogo, o fato social é estudado não porque é econômico, jurídico, político, turístico, educacional ou religioso, mas porque todos ao mesmo tempo são ‘sociais’, independentemente da especificidade de cada um, embora essa permita que possam ser abordados por disciplinas específicas.

A vida dos seres humanos apresenta, assim, várias dimensões: econômica, jurídica, política, moral, religiosa etc., que ocorrem e se desenvolvem durante a existência social do homem, ou seja, quando os seres humanos estão interagindo uns com os outros. São essas interações, independentemente do aspecto que possam assumir, que são o objeto central de estudo da sociologia.

Logo, a sociologia estuda a dimensão social da conduta humana, as relações sociais que a ela estão associadas. Para o sociólogo e para todos aqueles que pensam sociologicamente, o comportamento humano é ordenado, padronizado e estruturado socialmente e assim passível de um estudo sistemático. Ao compreendermos que podemos entender a sociologia como um estilo de pensar, estaremos adquirindo uma visão sistêmica de enxergar a rea-

lidade social. Veremos que todas as interações estão relacionadas, de uma forma ou de outra, entre si, e que quando isolamos um conjunto delas em particular, o fazemos por dois motivos:

- Para estudar isoladamente um grupo de interações específicas que constituem uma dimensão do social, como, por exemplo, os fatos econômicos, jurídicos, educacionais, turísticos, religiosos e assim por diante.
- Para estabelecer os limites dos relacionamentos sociais que compõem a nossa existência, constituindo-se uma rede social da qual fazemos parte.

O entendimento dessa realidade para aqueles que apresentam o modo de pensar sociológico permite compreender os fenômenos em sua totalidade, estabelecendo ligações de fatos cotidianos com a evolução da sociedade como um todo.

Constitui um exemplo desse modo de pensar o estabelecimento de uma relação entre a abertura de espaços de sociabilidade com a terceira revolução científico-tecnológica e o aumento da violência.

Nas grandes cidades estão sendo abertos novos espaços de sociabilidade, onde as pessoas de várias faixas de idade e com diferentes motivações se encontram para se conhecer e estabelecer relações sociais. São padarias que abrem espaços para café ou sopa noturna; cafés em locadoras de vídeo; espaços de conversação e cafés em livrarias etc.; ou seja, espaços que apresentam a característica de receber um público diferenciado, o qual muitas vezes não se conhecia entre si e que passou a se relacionar, num primeiro momento, por meio do espaço virtual (a internet), participando de grupos de interesse específicos, e que para estabelecer o contato inicial necessita de um lugar seguro.

Esses novos espaços, que substituem, de certo modo, os espaços públicos tradicionais, são criados para oferecer, além de segurança, meios de as pessoas estarem frente a frente, estabelecendo relações amistosas, se conhecendo e desenvolvendo afinidades em função do interesse comum, que pode ser uma coleção qualquer, um determinado tipo de jogo interativo, uma característica comum etc.

Desse modo podemos explicar o surgimento de novos espaços de sociabilidade, que substituem os tradicionais (praças, parques e jardins) em vista do aumento da violência, que faz com que as pessoas evitem os espaços públicos, e também da terceira revolução científico-tecnológica, que aproxima, via internet, pessoas com interesses comuns, e que em determinado momento necessitam ter um contato social direto.

Muitos sociólogos definiram a sociologia e, no entanto, analisando essas muitas definições, Rumney e Maier (1966, p. 20) encontraram bastante convergência entre elas no que diz respeito ao seu campo de estudo e aos seus deveres como disciplina. As principais definições analisadas por esses autores foram:

“Sociologia é o estudo das interações e inter-relações humanas, suas condições e circunstâncias.” (M.Ginsberg)

“O assunto da sociologia é a interação dos espíritos humanos.” (L. T. Hobhouse)

“É a ciência do comportamento coletivo.” (R. E. Park e E. W. Burgess)

“É a ciência da sociedade ou dos fenômenos sociais.” (Ward)

“A sociologia geral é, em conjunto, a teoria da vida humana em grupo.” (Tönnies)

“É uma ciência social especial que se concentra no comportamento inter-humano, nos processos de socialização, na associação e dissociação como tais.” (Von Wiese)

“Sociologia é a ciência geral e coordenadora por ser a ciência social fundamental. Longe de ser apenas a soma das ciências sociais, ela é antes a sua base comum.” (Giddings)

“A sociologia pergunta o que acontece com os homens e quais as regras de seu comportamento, não no que se refere ao desenvolvimento perceptível de suas existências individuais como um todo, porém, na medida em que formam grupos e são influenciados, devido às interações, por sua vida grupal.” (Simmel)

“A sociologia busca descobrir os princípios de coesão e ordem dentro da estrutura social, os modos pelos quais esta se radica e cresce em um dado ambiente, o equilíbrio instável da estrutura mutável e do ambiente transformável, as tendências principais da mudança incessante, as forças que determinam sua direção em dado momento, as harmonias e conflitos, os ajustamentos e desajustamentos no íntimo da estrutura conforme se revelam à luz dos desejos humanos, e, assim, a aplicação prática dos meios aos fins nas atividades criadoras do homem social.” (MacIver)

Como observaram Rumney e Maier (1966, p. 21), as diferenças entre as várias definições encontradas são, essencialmente, variações de ênfase. O substrato comum a todas elas é a idéia de que a sociologia se ocupa das relações humanas, do comportamento do homem com os seus semelhantes.

Em resumo, podemos definir inicialmente sociologia como o estudo sistemático do comportamento social, dos grupos e das interações humanas. Preocupa-se, particularmente, em explicar como as atitudes e os comportamentos das pessoas são influenciados pela sociedade mais geral e pelos diferentes grupos humanos em particular, e, numa perspectiva mais ampla, qual é a dinâmica social que mantém as sociedades estáveis ou provoca a mudança social. A visão sociológica compreende observar além das aparências das ações humanas e das organizações.

O estudo da sociologia também pode ser compreendido como o estudo científico da sociedade e sua influência sobre o comportamento humano. Para este estudo, os sociólogos utilizam métodos científicos para a abordagem dos diversos fenômenos sociais existentes nas diferentes sociedades humanas.

Dentro dessa perspectiva, um dos principais objetivos está em identificar aquilo que não está evidente, não parece claro, e quais os padrões e as influências do comportamento social.

Um exemplo prático é o que aconteceu na França e, de um modo geral, em toda a Europa, no verão de 2003. Milhares de pessoas morreram devido ao aumento excessivo da temperatura. Para as pessoas de um modo geral, o motivo principal das mortes está na elevação da temperatura e na ausência de condições da saúde pública em enfrentá-la. Embora essas explicações possam estar corretas, são insuficientes para a compreensão do fenômeno. As pesquisas realizadas demonstraram que a maior parte das mortes era de pessoas idosas, que viviam isoladas e que muitas vezes não tinham condições de recorrer a alguém solicitando auxílio. Para aquele que apresenta o pensar sociológico, uma análise do fenômeno social — caracterizado pelo aumento excessivo de mortes devido ao calor — revela que as sociedades européias apresentam um alto percentual de pessoas idosas e que o sistema de saúde na realidade não está em condições de atender essa parcela da sociedade, que se tornou bastante significativa nos últimos anos. Novas necessidades sociais surgiram na sociedade francesa e não foram identificadas pelos serviços públicos, mas tornaram-se transparentes pela situação criada devido ao aumento da temperatura. Ou seja, o problema não é tanto o aumento do calor, mas o envelhecimento significativo da sociedade e a falta de mecanismos para o atendimento dessa nova realidade social. Um problema que provavelmente seria enfrentado ao longo dos próximos anos e que, devido

ao fenômeno climático, precipitou-se, gerando problemas sociais e políticos para a sociedade francesa.

No exemplo citado, o fenômeno das mortes durante o aumento da temperatura poderá ser explicado pela sociologia como produto do aumento da expectativa de vida das populações, gerando necessidades no sistema de saúde e criando situações novas que não estavam sendo devidamente enfrentadas pela sociedade. O isolamento social das pessoas de mais idade, por exemplo, deve gerar no sistema público a necessidade de criação de espaços de sociabilidade, para que os idosos aumentem sua interação social. O fenômeno climático precipitou o surgimento de um problema social, cuja origem é uma mudança da estrutura social da sociedade francesa, e que não foi ainda suficientemente compreendido pelos cientistas sociais, que consequentemente não geraram explicações que poderiam ser absorvidas pela burocracia estatal, que poderia atuar criando estruturas específicas de atendimento a essa categoria social.

As pessoas mais idosas, por sua vez, provavelmente não encontraram meios de organização que levassem às autoridades suas demandas, transformando-se em nova força social. No Brasil, por exemplo, os aposentados criaram várias associações em muitas cidades, onde obtiveram várias prerrogativas; há até um partido constituído para atender a essa categoria específica.

É claro que o problema social, quando devidamente estudado, apresenta uma complexidade muito maior: estabelecemos as relações possíveis a partir de informações dispersas somente a título de exemplo de como funciona o modo de pensar dos sociólogos.

Concluindo, podemos afirmar que, na realidade, o único ponto de concordância entre as diversas correntes da sociologia é que esta, fundamentalmente, dedica-se ao ‘estudo das relações e interações humanas’, sendo este portanto o conteúdo essencial da disciplina.

À questão “O que é sociologia?” há, portanto, várias respostas possíveis; entretanto, todas elas terão um conteúdo comum, que é o estudo das interações sociais.

Os sociólogos, de modo geral, examinam as forças sociais e observam as tendências e os padrões que podem ser generalizados. A essa habilidade para ver a conexão entre as dificuldades particulares dos indivíduos e os problemas sociais, o sociólogo Charles Wright Mills chamou de ‘imaginação sociológica’.

1.2. A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA

A habilidade que os sociólogos desenvolvem para ver a conexão entre a vida cotidiana dos indivíduos e os problemas sociais, Charles Wright Mills (1916-1962)¹ denominou de ‘imaginação sociológica’. Esta pode ser caracterizada como um tipo incomum de pensamento criativo, que consegue estabelecer relações entre um indivíduo e a sociedade mais ampla. Um elemento fundamental para se obter a imaginação sociológica é desenvolver a habilidade para ver a sua própria sociedade (ou o seu grupo social) como um estranho o faria, assim procurando diminuir a sua própria influência (carregada de valores culturais obtidos ao longo de sua vida) na análise.

Nas palavras de Mills (1972, p. 17): “Ter consciência da idéia da estrutura social e utilizá-la com sensibilidade é ser capaz de identificar as ligações entre uma grande variedade de ambientes de pequena escala. Ser capaz de usar isso é possuir a imaginação sociológica”.

¹ Charles Wright Mills, sociólogo norte-americano, nasceu em Waco, Texas, em 28 de agosto de 1916, e morreu em Nyack, Nova York, num acidente automobilístico, em 20 de março de 1962, com 46 anos. Considerado um intelectual radical, publicou vários trabalhos sobre a estratificação social nos EUA. Entre suas principais obras estão: *The new men of power and america's labor leaders* (1948), *White collar and the american middle classes* (1951), *The power elite* (1956) e *The sociological imagination* (1959).

Aquele que possui a imaginação sociológica está capacitado a compreender o cenário histórico mais amplo, o seu significado para a vida particular de cada um e para a carreira de numerosos indivíduos. Torna-lhe possível compreender também como os indivíduos, envolvidos com as atribulações da vida diária, adquirem freqüentemente uma consciência falsa de suas posições sociais.

Para Mills (1972, p. 12), “o primeiro fruto dessa imaginação — e a primeira lição da ciência social que a incorpora — é a idéia de que o indivíduo só pode compreender sua própria experiência e avaliar seu próprio destino localizando-se dentro de seu período; só pode conhecer suas possibilidades na vida tornando-se cônscio das possibilidades de todas as pessoas, nas mesmas circunstâncias que ele”. É assim que a imaginação sociológica possibilita compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Para Mills (1972, p. 12), “nenhum estudo social que não volte ao problema da biografia, da história e de suas interligações dentro de uma sociedade completou a sua jornada intelectual”. E todos os analistas sociais clássicos, quer tenha sido o objeto do exame uma grande potência ou uma passageira moda literária, uma família, uma prisão ou um credo, formularam repetida e coerentemente três séries de perguntas (vide Quadro 1.1), que são feitas, segundo Mills, “por qualquer espírito que possua uma imaginação sociológica”.

1.3. A VISÃO SISTÊMICA

O conceito de imaginação sociológica proposto por Mills faz parte de um contexto de abordagem sistêmica dos problemas sociais. Ter uma ‘visão sistêmica’ é identificar as ligações dos fenômenos particulares, de um ponto de vista microssociológico, ao sistema social como um todo. Em suma, estabelecer ligações entre as ações sociais e o sistema de relações sociais que forma a sociedade mais geral.

Um exemplo de visão sistêmica é o professor em sala de aula compreender que o seu papel não se esgota na relação professor-aluno, e sim está inserido num contexto mais amplo, em que um número indeterminado de relações semelhantes formam um sistema de relações que integram o sistema educacional, e este, por sua vez, apresenta seu conjunto de interações integrado ao sistema de relações que formam a sociedade brasileira. O professor que não tem visão sistêmica considera que o seu papel se esgota na sala de aula; aquele que possui tal visão comprehende que as relações que estabelece com os alunos no ambiente escolar fazem parte de um todo complexo de relações que integram uma socieda-

QUADRO 1.1

Perguntas básicas formuladas por aqueles que apresentam a imaginação sociológica, segundo C. Wright Mills

1. Qual a estrutura dessa sociedade como um todo? Quais seus componentes essenciais, e como se correlacionam? Como difere de outras variedades de ordem social? Dentro dela, qual o sentido de qualquer característica particular para a sua continuação e para a sua transformação?
2. Qual a posição dessa sociedade na história humana? Qual a mecânica que a faz modificar-se? Qual é seu lugar no desenvolvimento da humanidade como um todo, e que sentido tem para esse desenvolvimento? Como qualquer característica particular que examinemos afeta o período histórico em que existe, e como é por ele afetada? E esse período — quais suas características essenciais? Como difere de outros períodos? Quais seus processos característicos de fazer a história?
3. Que variedades de homens predominam nessa sociedade e nesse período? E que variedades irão predominar? De que forma são selecionadas, formadas, liberadas e reprimidas, tornadas sensíveis ou impermeáveis? Que tipos de “natureza humana” se revelam na conduta e caráter que observamos nessa sociedade, nesse período? E qual é o sentido que para a “natureza humana” tem cada uma das características da sociedade que examinamos?

Fonte: Charles Wright Mills (1972, p. 13).

de, a qual apresenta determinados valores sustentados pelo conjunto de relações existentes, das quais as que estabelece se integram no todo como uma de suas partes constitutivas.

A abordagem sistêmica dos fenômenos sociais

Podemos definir ‘sistema’ como um conjunto de elementos interligados que sofrem influência recíproca. Há uma interdependência entre as partes de um sistema, de tal modo que a alteração em uma das suas partes provoca efeitos nas outras, podendo modificar todo o conjunto. Compreendido desse modo, as sociedades humanas formam um sistema social, no qual o conjunto de relações entre as pessoas formam um todo, cujas partes apresentam uma interdependência recíproca e qualquer alteração provocará algum tipo de modificação no todo, que num primeiro momento pode ser imperceptível.

Em sociedades humanas que apresentam um maior grau de complexidade, podemos identificar subsistemas, que formam um conjunto interligado com o sistema mais geral. Para a sociologia, a possibilidade de identificação de subsistemas menores é bastante útil como procedimento metodológico no estudo das sociedades, pois facilita o entendimento das partes pelo pesquisador, que desse modo poderá tornar-se cada vez mais especializado no estudo desse setor. Muitas vezes, novas disciplinas surgem devido à importância desses subsistemas. Entre os mais importantes subsistemas, podemos citar os econômicos, os políticos, os religiosos, os educacionais e os turísticos. Podemos ainda dividir cada um desses subsistemas em outros subsistemas para facilitar sua compreensão.

De acordo com o ponto de vista de um pesquisador, a sociedade pode ser dividida em inúmeros sistemas, que estarão interligados. Assim, uma manifestação política pode provocar mudanças econômicas; ou uma ação econômica pode provocar problemas no sistema educacional.

Assim como os advogados dedicam-se ao estudo do subsistema jurídico, os economistas, do econômico e assim por diante, um sociólogo pode dedicar-se a estudar o subsistema turístico, o educacional ou o político etc. O que cada profissional deve compreender é que cada subsistema está em permanente interação com outros e que no seu conjunto formam a sociedade maior onde os subconjuntos estão inseridos. Os sistemas sociais constituem-se em sistemas abertos e permanentemente sofrem influências externas, sejam estas de outros sistemas sociais, ou mesmo do meio ambiente.

A visão sistêmica pode ser definida como a capacidade que o pesquisador adquire de compreender que cada ação social não está isolada na sociedade, faz parte de um todo interligado, assim interferindo e sofrendo interferências. Sob esse aspecto, muitas ações que não podem ser compreendidas por si mesmas podem ser explicadas pelo papel que desempenham no todo ou pelas influências que recebem.

Por outro lado, o indivíduo que possui uma visão sistêmica compreenderá que suas ações cotidianas refletem, de algum modo, o todo ou são por ele influenciadas.

A visão sistêmica constitui-se numa abordagem holística das ações humanas. O pensamento holístico não só procura compreender as ações sociais inseridas num todo mais complexo — no caso, a sociedade —, mas prioriza o “entendimento integral dos fenômenos, em oposição aos procedimentos analíticos em que seus componentes são tomados isoladamente” (Houaiss, 2001).

Tanto a visão sistêmica como a holística estabelecem conexões entre o todo e as partes. Diferenciam-se no estabelecimento de prioridades, pois a abordagem holística prioriza a análise a partir da sociedade mais geral, e não de um contexto particular ou mesmo de uma relação social específica. Já a abordagem sistêmica pode partir do indivíduo e estabelecer as conexões com o sistema em que está integrado. No entanto, as duas abordagens dão importância ao todo em relação às partes e muitas vezes são utilizadas como sinônimos.

De todo modo, tanto uma como outra são imprescindíveis para a compreensão da realidade, principalmente neste início do século XXI, em que cada vez mais fortemente se demonstram as interconexões entre diferentes disciplinas. O direito com a biologia cria um novo campo de estudo, o direito ambiental; a física e a biologia, a biofísica; há o desenvolvimento de computadores biológicos etc.

1.4. DE PROBLEMAS PESSOAIS A ESTRUTURAS SOCIAIS (A EXPLICAÇÃO SOCIOLOGICA DO SUICÍDIO)

Foi Émile Durkheim quem desenvolveu o método de análise utilizado pelas ciências sociais, por meio do estudo sistemático de um ato social aparentemente simples e que as pessoas explicam de um modo geral como um comportamento estritamente pessoal. O suicídio é um ato que as pessoas e o próprio noticiário tendem a enfocar na pessoa em particular que o cometeu, não buscam a sua relação com outros fatos sociais, preocupando-se mais com os motivos pessoais que a levaram a isso. Assim, focam a explicação no indivíduo, e não buscam as razões sociais que o levaram ao ato.

O sociólogo francês, Durkheim, em um estudo clássico, ilustrou o tipo de abordagem adequado dentro da perspectiva sociológica. Durkheim usou o método sociológico para testar as muitas explicações alternativas de suicídio que estavam sendo debatidas na ocasião. Examinando todas as variáveis pertinentes, Durkheim chegou a uma conclusão e formulou uma explicação efetiva. Sua análise revelou que variações nas taxas de suicídio entre grupos diferentes não podiam ser explicadas por enfermidade mental, fundo étnico ou racial, ou até mesmo pelo clima — ele concluiu que havia algo sobre o próprio grupo em si que encorajaria ou desencorajaria o suicídio. Chegou a identificar quatro tipos diferentes de suicídio, todos mantendo uma relação entre o indivíduo e o grupo social.

O primeiro deles, o ‘suicídio egoísta’, acontece sob condições de isolamento excessivo, quando a pessoa é separada do grupo que poderia ter obtido a sua lealdade e participação. Um exemplo é quando o indivíduo é posto à margem de seu grupo de parentesco e que, por qualquer motivo, não consegue ser aceito novamente, mantendo-se em ostracismo — para uma pessoa nessas condições poderá não fazer nenhum sentido viver fora do grupo.

O segundo, o ‘suicídio altruístico’, em contraste, acontece sob condições de apego excessivo, quando os indivíduos se identificam tão de perto com um grupo ou comunidade que as suas próprias vidas não têm nenhum valor independente. São exemplos desse tipo de suicídio o fenômeno dos pilotos japoneses — os camicases — na Segunda Guerra Mundial, que se jogavam com seus aviões nos navios norte-americanos, e o fenômeno dos terroristas suicidas no Oriente Médio.

Terroristas suicidas perpetraram um dos maiores ataques contra os Estados Unidos, em setembro de 2001. Um grupo de homens pertencentes à rede Al-Qaeda, de fundamentalistas islâmicos, seqüestraram quatro aviões de companhias norte-americanas e lançaram dois deles contra o World Trade Center, destruindo-o completamente e matando milhares de pessoas, e um outro contra o Pentágono, sede do poder militar norte-americano.

Esses atentados suicidas podem ser considerados os maiores que já ocorreram até então no mundo, e só foram possíveis pela profunda identificação dos seus autores com as idéias do grupo do qual faziam parte, grupo este que se caracteriza pela interpretação rigorosa, radical e deturpada do livro sagrado do islamismo, o *Alcorão*.

O terceiro tipo, o ‘suicídio anônimo’, acontece debaixo de condições de anomia, ou ausência de normas, quando os valores tradicionais e as diretrizes para o comportamento desmoronaram, constituindo-se em momentos de desorganização social. Um exemplo é o

suicídio cometido por jovens adolescentes que têm suas famílias desfeitas abruptamente pela separação dos pais.

No Japão, no dia 17 de janeiro de 1995, houve um grande terremoto e as vidas das pessoas foram completamente alteradas pelo fenômeno físico, implicando mudanças nas relações sociais e quebra de valores. O estado de anomia que se criou levou muitas pessoas ao suicídio — pessoas que sentiam falta de privacidade com o consequente aumento do estresse, como afirmou um morador: “Quanto mais pensamos no nosso futuro, mais ficamos preocupados. Sem emprego, sem casa e sem dinheiro”.²

Os suicídios cometidos pelos jovens índios de tribos mato-grossenses são um outro exemplo de suicídio anômico. Os índios possuem valores e normas que são seguidos há séculos; com o contato com os homens brancos, perdem a referência nos valores, nas normas e nos costumes tradicionais e ao mesmo tempo não incorporam, em prazo curto, a cultura dos brancos. Assim, durante um determinado tempo, os índios ficam sem entender direito quais as normas que deverão ser seguidas. Os suicídios ocorrem em maior número com os adolescentes da tribo, pois é justamente o período em que fazem maior contato com a cultura do branco, perdendo a referência nos valores tradicionais da tribo que foram transmitidos no convívio familiar (vide Quadro 1.2).

O quarto tipo é o ‘suicídio fatalista’, que provavelmente acontece em sociedades e grupos sociais nos quais ocorre um alto grau de controle sobre as emoções e motivações de seus membros, que são levados a tomar atitudes que em outras circunstâncias não o fariam. São exemplo os suicídios coletivos cometidos por membros de seitas religiosas. O caso mais conhecido foi o do pastor americano Jim Jones e sua seita, O Templo do Povo. Mais de 900 pessoas morreram ao ingerirem suco de laranja com cianureto, no dia 18 de novembro de 1978, na Guiana. Em 1994, a seita Ordem do Templo Solar, fundada por um médico suíço, levou 48 pessoas à morte no mesmo dia em lugares diferentes. A seita pregava a iminência do apocalipse com a entrada da humanidade na era de Aquário.

Podemos observar que, em cada caso, Durkheim explicou as taxas de suicídio em termos das características dos grupos e das comunidades nas quais as pessoas viviam, não em termos de fatores psicológicos ou biológicos. Ele demonstrou que explicar padrões de comportamento social em termos de motivos individuais se assemelha a tentar entender o corpo humano descrevendo células individuais. A sociedade é mais que a soma de seus membros individuais. Durkheim escolheu o suicídio como tema porque ilustra como forças sociais são fatos sociais, e como estas forças influenciam um modo de comportamento que a maioria de nós considera intensamente particular. Durkheim provou que forças sociais influenciam cada comportamento, consolidando, a partir daí, este como um princípio básico da sociologia.

QUADRO 1.2 Suicídio indígena

Desde 1982 ocorreram mais de 300 suicídios na comunidade dos índios guaranis-kaiowás, que habitam uma área muito reduzida para uma elevada população dessa etnia, no Mato Grosso do Sul. Obrigados a trabalhar nas fazendas e nas usinas de açúcar e álcool num regime de trabalho intenso ao qual não estão habituados e que nem os próprios brancos agüentam, esses índios, principalmente os mais jovens, não suportam a pressão e partem para o suicídio.

Para o antropólogo Antonio Brand, que estudou o problema¹, eles “estão perdendo a identidade indígena, uma das causas dos suicídios, ao lado da miséria nas aldeias”.

¹ SOBE para 52 o número de suicídios de Kaiowá. Jornal *Folha de S.Paulo*, 12 dez. 1995.

Para Émile Durkheim (1973, p. 391), o objeto de estudo da sociologia são os fatos sociais, que “apresentam características muito especiais: consistem em maneiras de agir, pensar e sentir exteriores ao indivíduo, e dotadas de um poder coercitivo em virtude do qual se lhe impõem”. Sejam elas crenças e práticas constituídas (regras jurídicas ou morais, dogmas religiosos, sistemas financeiros etc.) ou correntes sociais, que são manifestações (de entusiasmo, de indignação, de piedade etc.) que “chegam a cada um de nós do exterior e que são susceptíveis de nos arrastar, mesmo contra a nossa vontade”, o que poderia nos levar a uma ilusão que nos faria acreditar termos sido nós que elaboramos aquilo que se nos impôs do exterior. Essas manifestações, que podem ser passageiras e que são susceptíveis de nos conduzir a ações que poderiam contrariar nossa própria natureza, apresentam um princípio que “aplica-se também aos movimentos de opinião mais duradouros que se produzem incessantemente à nossa volta, mesmo em círculos mais restritos, sobre questões religiosas, políticas, literárias, artísticas etc.” (1973, p. 392).

Desse modo, para Durkheim, o fenômeno social constitui-se do fato social, que pode ser religioso, político, literário, artístico etc. e que é externo ao indivíduo e determinador de suas ações. A sociedade, que é externa aos indivíduos, determina as interações sociais.

Assim, para Durkheim, a sociedade e os grupos sociais exercem um coercção sobre os indivíduos, fazendo-os assumir papéis relacionados com um fenômeno em particular. Ao assumir o papel de torcedor de um determinado time, por exemplo, o indivíduo toma atitudes que no seu dia-a-dia não assumiria. Tais atitudes apresentam, portanto, maneiras de agir, pensar e sentir que são exteriores ao indivíduo e que se lhe impõem, pois são dotadas de um poder coercitivo específico. Da mesma forma, todas as interações que ocorrem no campo esportivo compõem-se de ações provocadas pelo poder coercitivo de um tipo de fato social particular, que denominamos esportivo. Em outras palavras, os técnicos, os dirigentes, os jogadores e os torcedores assumem um comportamento que lhes é impingido pelo poder coercitivo que exerce o fato esportivo enquanto fato social, atitudes essas que são diferentes daquelas que assumem quando integram outros tipos de fenômenos sociais, como a religião, a política, o sistema financeiro etc., no qual assumem posturas que se identificam com cada tipo em particular.

1.5. OS FUNDAMENTOS DA AÇÃO SOCIAL

Enquanto Durkheim prioriza a sociedade na análise dos fenômenos sociais, considerando-a externa aos indivíduos e determinadora de suas ações, Max Weber prioriza o papel dos atores e as suas ações individuais reciprocamente referidas. A sociedade, para Weber, deve ser compreendida a partir desse conjunto de interações sociais.

A sociologia, para Weber (1991, p. 3), significa: “uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la causalmente em seu curso e em seus efeitos”.

A ‘ação social’ toma o significado de uma ação que, quanto ao sentido visado pelo indivíduo, tem como referência o comportamento de outros, orientando-se por estes em seu curso. Como exemplo: o simples ato de comprar sapato é realizado tendo como referência um conjunto de opiniões de outras pessoas, entre as quais o vendedor, a namorada, a mãe, os amigos e assim por diante.

Desse modo, a ação social — aí incluídas a omissão ou a tolerância — orienta-se pelo comportamento de outros, seja este passado, presente ou esperado como futuro. Os ‘outros’ podem ser indivíduos e conhecidos ou uma multiplicidade de pessoas completamente desconhecidas. Por outro lado, “nem todo tipo de contato entre pessoas tem caráter social, se não apenas um comportamento que, quanto ao sentido, se orienta pelo comportamento de outra pessoa” (Weber, 1991, p. 14). O autor fornece um exemplo do que afirma ao explanar

sobre o choque entre dois ciclistas, que, quando ocorre, trata-se de um acontecimento do mesmo caráter de um fenômeno natural, e, ao contrário, tratar-se-ia de um fenômeno social, constituindo-se de ações sociais, as tentativas de desvio de ambos, o xingamento, ou uma discussão pacífica após o choque. Fica estabelecida uma relação social entre ambos.

Nessa interpretação, a interação torcedor e jogador constitui-se num fenômeno social, pois seus agentes têm um ao outro como referência para seus atos. Do mesmo modo, podem ser tratadas todas as interações existentes no âmbito do esporte, que, no geral, tomam o comportamento do jogador como referência, orientando seus atos a partir desse parâmetro.

Uma vez estabelecida a definição de ação social, pode-se encontrar seus diferentes tipos agrupando-os de acordo com o modo pelo qual os indivíduos orientam suas ações. E, segundo Weber (1991, p. 15), a ação social pode ser determinada de quatro modos: racional referente a fins; racional referente a valores; afetivo, especialmente emocional; tradicional.

A ‘ação social racional referente aos fins’ é determinada pelo cálculo racional que estabelece os fins e organiza os meios necessários. Por exemplo: ao fazer a aquisição de um aparelho de televisão, o comprador levará em conta o custo, se o tamanho do aparelho é adequado para o alojamento onde ficará instalado, se é colorido e assim por diante. Um jovem escolherá uma namorada levando em consideração se ela é comunicativa, se está vestida adequadamente, o seu nível de escolaridade etc. O torcedor decidirá se irá ao campo levando em consideração as acomodações, o preço, as facilidades de acesso etc.

A ‘ação social referente a valores’ é determinada pela importância do valor, não sendo considerado o êxito que se possa obter assumindo-se esse valor. É uma ação social valorizada socialmente, e é relevante a opinião do grupo social ao qual pertence o indivíduo. Por exemplo: na aquisição de um aparelho de televisão, o comprador dará importância à marca, os outros fatores que determinam a escolha serão secundários. A namorada será escolhida tendo em conta os valores que predominam na sociedade do qual faz parte, que terão papel preponderante na escolha, ficando os demais num segundo plano. Se a beleza feminina é o valor fundamental, este será o critério predominante na ação; se há uma valorização do papel da mulher como dona-de-casa, a beleza ficará num plano secundário.

A escolha de assistir ou não ao jogo no campo de futebol ou em casa, por parte do torcedor, levará em consideração os valores do grupo social ao qual pertence. Por exemplo: pode ser de fundamental importância para o seu grupo social a ida ao campo, constituindo-se num motivo de aumentar os contatos sociais e valorizar sua presença nos grupos durante a semana, pois será portador de imagens que não foram mostradas pelos meios de comunicação.

A ‘ação social de modo afetivo’ é aquela que é determinada pelos afetos ou estados emocionais, a relação entre os indivíduos se expressa em termos de lealdade e antagonismo. Por exemplo: o comprador adquirirá o modelo de televisor de que mais goste, ou não comprará um determinado modelo em hipótese nenhuma. A namorada será escolhida ou rejeitada de modo emocional, incluídas aí manifestações de paixão ou rancor.

A escolha da ida ao campo de futebol será motivada pela emoção, pelos sentimentos etc. Poderá ir porque foi humilhado num jogo anterior com o mesmo time e quer se vingar; ou por ser o time que desperta suas mais fortes emoções; ou porque está um dia muito bonito para se ir ao campo etc.

A ‘ação social de modo tradicional’ é aquela determinada pelas tradições, pelos costumes arraigados. Por exemplo: poderá adquirir um televisor da mesma marca da que foi dos seus pais ou da sua família. A namorada poderá ser escolhida baseada numa tradição familiar de se escolherem “moças de família”, estereótipo passado de pai para filho.

A ida ao campo, nesse caso, será decidida em função dos costumes e das tradições adquiridas. Poderá não faltar a jogos com determinado time. Vai sempre no campo porque é tradição de pai para filho etc.

Está claro que as ações sociais não são determinadas, de modo geral, por um único tipo. No caso da escolha da namorada, o jovem pode levar em consideração tanto a tradição (a moça de família), como os valores predominantes na sociedade em que vive (bonita, magra etc). Do mesmo modo, as diversas ações sociais que ocorrem em qualquer âmbito podem ser determinadas por vários tipos. A ida a um campo de futebol pode ser motivada pelo dia bonito, por ser um jogo em que não pode faltar por envolver um time adversário específico, pelo baixo preço dos ingressos naquele dia etc.

A ação social para Weber é um componente universal e específico na vida social e fundamental para a organização da sociedade humana.

RESUMO DO CAPÍTULO

Neste capítulo aprendemos que há diversas visões de qual seja o objeto de estudo da sociologia; no entanto, há uma concordância entre a maioria dos sociólogos de que o estudo das relações e interações humanas constitui-se no conteúdo essencial da disciplina. Que os sociólogos adotam um modo de pensar que relaciona o particular com o geral, considerando o processo histórico em que se deu o estabelecimento das estruturas sociais. A essa forma de pensar, C. Wright Mills chamou de ‘imaginação sociológica’ e se aproxima da abordagem sistêmica dos fenômenos sociais, que considera que os diversos elementos interligados sofrem influência recíproca. O pesquisador que tem uma visão sistêmica adquire a capacidade de compreender que cada ação social não está isolada da sociedade, mas faz parte de um todo interligado, no qual sofre influências e influencia, ao mesmo tempo.

Vimos como Durkheim demonstrou que problemas aparentemente individuais, como o suicídio, têm uma motivação que pode ser explicada a partir da análise da estrutura social, pois esta possui um poder coercitivo que se impõe sobre as vontades individuais. E, num sentido oposto, como Weber prioriza as ações interpessoais para compreender a sociedade, considerando-as como um componente universal e particular da vida social, fundamental para se conhecer o funcionamento das sociedades humanas.

PERGUNTAS

1. Por que surgiu a sociologia no século XIX?
2. Como poderíamos definir sociologia, tendo como base o comportamento e os grupos sociais?
3. E a definição da sociologia tendo como base a sociedade poderia ser feita de que modo?
4. Qual o conteúdo essencial de todas as definições do que é sociologia e o seu objeto de estudo?
5. O que é a imaginação sociológica?
6. O que é uma visão sistêmica?
7. O que é um sistema? E um subsistema? Exemplifique.
8. O que é uma abordagem holística das ações humanas?
9. O que é um suicídio egoísta? Um altruístico? Um anômico? E um fatalista?
10. O que são fatos sociais para Durkheim?
11. O que são ações sociais para Weber?
12. Quais são os tipos ideais de ação social que Weber identificou?